

CINEMA Filme, idealizado no início dos anos 50 por dupla de irmãos, não foi realizado por causa da falência da Vera Cruz

'O Aleijadinho' estreia 50 anos atrasado

PAULO PEIXOTO

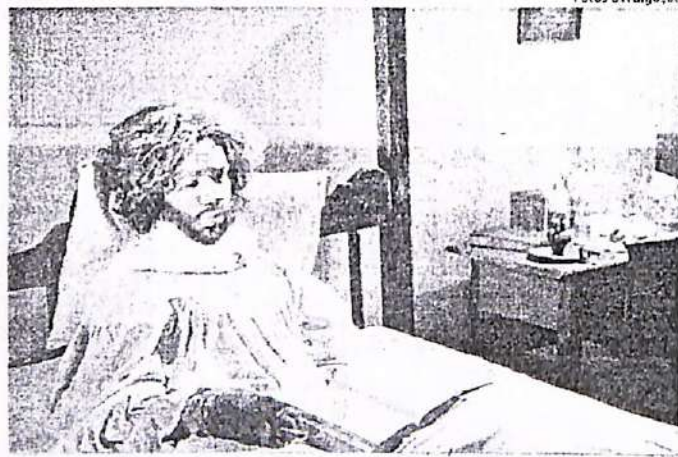
DA AGÊNCIA FOLHA, EM BELO HORIZONTE

Com quase meio século de atraso, o filme "O Aleijadinho", do cineasta mineiro Geraldo dos Santos Pereira, 75, foi mostrado na noite de anteontem para convidados em Belo Horizonte. A pré-estreia foi no cine Humberto Mauro, no Palácio das Artes, mas o filme só deve entrar em circuito nacional em março de 2001.

O projeto de "O Aleijadinho" foi concebido no início dos anos 50, quando o cineasta e seu irmão, Renato, prepararam o roteiro encomendado pela Companhia Cinematográfica Vera Cruz, o mais famoso estúdio brasileiro, onde eram assistentes de direção.

Os irmãos Santos Pereira ficaram dois meses em Ouro Preto, onde o escultor e arquiteto Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho (1738-1814), considerado o mais importante artista do barroco brasileiro, viveu a maior parte de sua vida. Quando retornaram a São Paulo, tiveram uma desagradável surpresa: o estúdio falira.

"Foi uma coisa terrível. Era um filme para 1954. Em 1995, com a lei do audiovisual, conseguimos



O ator Maurício Gonçalves, que é o primeiro negro a viver o papel

retomar esse projeto, que era o sonho do meu irmão, mas, infelizmente, ele morreu (em abril de 1999)", disse Geraldo.

"O Aleijadinho" seria o longa de estreia dos gêmeos Santos Pereira, que se formaram em cinema pelo prestigiado Idhec (Institute des Hautes Études Cinématographiques), de Paris.

Com orçamento de R\$ 2,42 milhões, as filmagens foram feitas de agosto a outubro de 99 nas cidades históricas de Ouro Preto, Ma-

riana e Congonhas do Campo. O artista é interpretado por Maurício Gonçalves.

Até então, tinham sido filmadas no Brasil duas obras sobre Antônio Francisco Lisboa. Em ambas, Aleijadinho, filho de uma escrava e de um português, era vivido por um ator branco. Em "Cristo de Lama (A História do Aleijadinho)", filme de 68 de Wilson Silva, o artista era interpretado por Geraldo del Rey, branco e de olhos claros. Em especial da TV

Globo, na década de 70, o ator escolhido foi Stênio Garcia.

A história de Aleijadinho é narrada em "flashback", a partir do depoimento de Joana Lopes (nora do artista, interpretada por Ruth de Souza, que cuidou dele em sua doença) ao historiador Rodrigo Bretas, no século passado.

Além de mostrar a sua vida e o convívio com artistas e intelectuais da época, o filme relata o envolvimento amoroso de Aleijadinho com a mestiça Narcisa, que no filme é Helena, com quem teve um filho, Helena é interpretada por Maria Ceça. O ator Carlos Vereza interpreta o poeta e inconformado Cláudio Manoel da Costa e Edwin Luisi faz o pai do artista.

O filme, segundo o diretor, não é um documentário. É fiel à história, mas mistura alguma ficção, um recurso usado pelo cineasta para dar desfecho ao papel de alguns personagens, o que os registros históricos não fizeram, como no caso de Narcisa/Helena.

O diretor quer levar o filme às principais cidades mineiras antes de ele entrar em circuito nacional. Está prevista uma exibição na praça Tiradentes, em Ouro Preto, ainda sem data marcada.

Para diretor, branco no papel 'não é possível'

DA AGÊNCIA FOLHA, EM BH

Autor do primeiro filme colorido brasileiro ("Rebelião em Vila Rica", de 58), Geraldo dos Santos Pereira é um cineasta da "velha geração", como ele mesmo diz, mas ainda com muita vontade de filmar. "O Aleijadinho" é o sexto longa do cineasta, que já tem pronto novo roteiro de tema mineiro. (PP)

★

Folha - Em que seu filme difere de "Cristo na Lama"?

Geraldo dos Santos Pereira - Ah, é uma coisa terrível (o filme de Wilson Silva, de 68). Aleijadinho era branco, olhos azuis. Falei: "Wilson, que loucura!".

Folha - E o que ele disse?

Santos Pereira - "Os americanos não fazem isso? A gente tem que dourar, filho." Eu disse que era racismo dele. Aleijadi-

nho branco não é possível.

Folha - O que o sr. pretende mostrar com o filme?

Santos Pereira - O meu objetivo é mostrar a grandeza do artista, um símbolo quase do brasileiro: apesar de tudo, está criando uma grande nação. Ele era um sofredor, discriminado. Pagavam a ele com moeda e ouro falsos. Não é sobre sua obra, mas sobre a figura.

Folha - Tem mais projetos?

Santos Pereira - Tenho. Todos os meus temas são mineiros. Já tenho um projeto aprovado pelo Ministério da Cultura, "Ciranda Barroca", sobre uma cama do século 18 que tem uma história trágica, durante cinco gerações. Começa em 1780 e vai até a atualidade. Vou começar a captar recursos.

Folha - O que o sr. acha do atual cinema brasileiro?

Santos Pereira - Há uma nova geração que, depois do curta, está entrando no longa. Está enriquecido o cinema brasileiro. Que eles nos deixem trabalhar, nós, os da velha geração (risos). É o que eu quero fazer.